

Totius orbis estis indigenae: evidências linguísticas para o estudo da forma de tratamento *Vos* no latim

Totius orbis estis indigenae: linguistic evidence for the study of the form of address Vos in Latin

Leonardo Lennertz Marcotulio*
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Carlos Eduardo Schmitt^{1**}
Universidade de São Paulo,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Neste trabalho, exploramos um dos pontos mais instigantes e, também, um dos mais obscuros na história das formas de tratamento no âmbito românico. Se, por um lado, as dinâmicas linguísticas que subjazem as reorganizações no sistema de formas de segunda pessoa do singular em línguas românicas contam com vasta literatura, o mesmo não pode ser dito sobre a primeira das mudanças ainda em latim. Trata-se da *pluralização* do tratamento, isto é, processo pelo qual a forma de plural *Vos* passa a ser utilizada, em termos discursivos, para somente um interlocutor. Pretendemos, assim, trazer evidências linguísticas do século IV, extraídas de discursos (*orationes*) de Símaco, de modo a levantar elementos que permitam repensar a hipótese aventada por Brown e Gilman (1960), segundo a qual o uso de uma forma de plural responderia ao discurso dirigido, simultaneamente, à figura dos dois imperadores do Império Romano.

Palavras-chave: Formas de tratamento. Formas de tratamento em latim. Vos. Pluralização do tratamento. Símaco.

Abstract: In this work, we explore one of the most intriguing points and also one of the most obscure in the history of forms of address in the Romance sphere. If, on the one hand, the linguistic dynamics that underlie the reorganizations in the second-person singular forms system in Romance languages have a vast literature, the same cannot be said about the first of the changes still in Latin. It is the *pluralization* of address, that is, the process by which the plural form *Vos* is used, in discursive terms, for only one interlocutor. We intend, therefore, to bring linguistic evidence from the 4th century, extracted from the speeches (*orationes*) of Symmachus, in order to raise elements that allow rethinking the hypothesis suggested by Brown and Gilman (1960), according to which the use of a plural form would respond to the speech addressed, simultaneously, to the figure of the two emperors of the Roman Empire.

Keywords: Forms of address. Forms of address in Latin. Vos. Pluralization of address. Symmachus.

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Os trabalhos que se dedicam ao estudo das formas de tratamento em línguas românicas, em perspectiva histórica, costumam apresentar, ao menos de forma breve na seção de revisão da literatura sobre o tema, o quadro de tratamentos de segunda pessoa do singular do latim, a partir do qual teriam sido derivados os sistemas de línguas como o português, o galego, o espanhol, dentre outras.

Inicialmente, o sistema latino contava apenas com uma única forma de singular (*Tu*), utilizada em todos os tipos de interação social (FLORES, 1946; LUZ, 1958; CINTRA, 1972). No entanto, ainda antes da queda da parte ocidental do Império Romano, relações de mais intimidade ou distanciamento começam a valer-se de formas pronominais distintas. Com a *pluralização do tratamento*, a forma *Vos*, utilizada até então para a segunda pessoa do plural, ocuparia também os terrenos do distanciamento no tratamento a um único interlocutor; o pronome *Tu*, por sua vez, seria reservado às interações de maior intimidade.

Esse é o sistema que aparece registrado, no período medieval, nos primeiros textos escritos em romance, sobrevivendo, com maior ou menor expressão, nas línguas românicas atuais. Nesse cenário, merece destaque o francês, que mantém intacta, na língua escrita e falada, a oposição entre *Tu* e *Vous*, tal como no latim. Línguas românicas como o português, o galego e o espanhol tiveram caminhos distintos por terem experimentado o que ficou conhecido, nas palavras de Faraco (2018 [1996]), como a revolução da 3ª pessoa. Trata-se da *abstratização do tratamento*, um fenômeno a partir do qual foram inseridos na língua sintagmas nominais de 3ª pessoa, constituídos por um possessivo de 2ª pessoa mais um nome abstrato, como *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*, por exemplo.

Os rearranjos histórico-sociais e linguísticos iniciados, ainda em época medieval, com a emergência das formas nominais de tratamento respondem, em certa medida, pela configuração atual, na qual formas como *Você*, *Vostede* e *Usted*, produtos da gramaticalização de *Vossa Mercê*, *Vosa Mercedes* e *Vuestra Merced* no português, galego e espanhol, respectivamente, convivem, embora haja diferenças pragmáticas entre as línguas, com o pronome original de intimidade *Tu*. Por essa razão, as consequências do fenômeno da *abstratização do tratamento* foram - e continuam sendo - alvo de inúmeros estudos linguísticos.

No entanto, ao menos no âmbito das línguas ibéricas, o primeiro dos processos - a *pluralização do tratamento* - não recebeu, até o momento, o mesmo tipo de atenção. Sobre a motivação para o uso de *Vos*, originalmente de plural, como forma de segunda pessoa do singular, é lugar comum na literatura a menção às hipóteses aventadas por Brown e Gilman, no texto clássico *The Pronouns of Power and Solidarity*, de 1960¹:

¹ Para fundamentar as suas hipóteses, Brown e Gilman (1960) se apoiam em teorias diversas a partir das quais se pode entender que a forma de plural *Vos* foi primeiramente dirigida ao imperador. Para tanto, os autores citam os trabalhos de Châtelain (1880) e Byrne (1936).

The use of the plural to the emperor began in the fourth century. By that time there were actually two emperors; the ruler of the eastern empire had his sit in Constantinople and the ruler of the west sat in Rome. Because of Diocletian's reforms the imperial office, although vested in two men, was administratively unified. Words addressed to one man were, by implication, addressed to both. The choice of *vos* as a form of address may have been in response to this implicit plurality. An emperor is also plural in another sense; he is the summation of his people and can speak as their representative. Royal persons sometimes say 'we' where an ordinary man would say 'I'. The Roman emperor sometimes spoke of himself as *nos*, and the reverential *vos* is the simple reciprocal of this (BROWN; GILMAN, 1960, p. 254).

É necessário, assim, remontar à Antiguidade Tardia, período que vai, aproximadamente, do ano 200 a 700, no qual se realiza o processo de transição entre a Antiguidade e o Medieval (BROWN, 1971). Nesse contexto histórico, merece destaque o fato de o Império Romano ter sido governado por mais de um imperador por várias décadas. Vale lembrar que Roma, embora mantivesse seu prestígio, já não era mais a sede administrativa do Império, que se deslocou às suas regiões limítrofes. Os imperadores, de origem militar, dedicavam-se com afinco a proteger as fronteiras do Império.

Diocleciano foi um dos grandes responsáveis por essa nova configuração, primeiramente em estabelecer a Diarquia e, logo, instituindo a Tetrarquia, a partir da qual passaram a existir quatro imperadores, dois Augustos e dois Césares. Estes substituiriam aqueles em caso de morte ou após vinte anos de seus governos. Os dois primeiros Augustos foram Diocleciano e Maximiano, e seus Césares foram, respectivamente, Galério e Constâncio Cloro, pai do futuro Imperador Constantino. Apesar de tal divisão, é consenso entre os pesquisadores que Diocleciano ainda exercia um certo domínio sobre os outros imperadores. O esforço deste estava voltado para, além de preservar as fronteiras, revigorar as antigas tradições, o que culminou com uma perseguição aos cristãos ao início do século, o que, de certa forma, também foi aproveitado pelo jovem Constantino para, aos poucos, ir ganhando poder e apoio, ao ponto de chegar a se tornar imperador único.

Embora Constantino tenha reinado como imperador único durante um tempo, as dimensões do Império eram uma barreira para um governo eficaz. Foi assim que, após sua morte, o Império foi dividido entre seus filhos. Constâncio II ficou responsável pela parte oriental do Império, com sede em Constantinopla, cidade fundada por seu pai, de 337 a 361, enquanto seu irmão Constante governou a parte ocidental de 337 a 350. O Império voltou a ter um governante único, o que já não era bem visto pelos militares, tendo em consideração que em curto período de tempo, entre 363 e 364, dois imperadores, Juliano e Joviano, que governavam de forma única, morreram, o que causava grande instabilidade. Sendo assim, no momento em que Valentiniano foi aclamado imperador pelo exército, ele foi urgido a nomear um co-imperador. Sem hesitar, nomeou a seu irmão Valente para governar a parte oriental do Império (LEE, 2013, p. 21). O Império apenas voltou a ser governado por uma pessoa durante parte do reinado de Teodósio, no final do século IV. Logo após sua morte, ele foi dividido novamente entre seus filhos, Arcádio e Honório, e desde então nunca voltaria a ser reunificado.

É exatamente no cenário da presença de dois imperadores no Império Romano que teria sido criada, por volta do século IV, a primeira forma pronominal de deferência da história do latim. De acordo com a primeira hipótese levantada por Brown e Gilman (1960), a iniciativa teria vindo dos interlocutores de um dos imperadores. Por representar uma ideia de pluralidade - como ser o somatório do povo, bem como o seu representante -, seus interlocutores, ao se dirigirem a ele, na tentativa de incluir os dois imperadores em seu discurso, teriam começado a utilizar a forma de plural *Vos*. Por outro lado, a segunda hipótese parece ser a mão inversa dessa história: um dos imperadores teria se tratado por *Nos*, com o intuito de falar em nome do outro imperador em uma representação única, e este passaria a receber, em troca, o tratamento recíproco de *Vos*. Seja como for, qualquer um desses movimentos seria responsável por criar condições adequadas para que o tratamento *Vos* fosse associado à figura de maior prestígio da sociedade romana, convertendo-se em uma forma complexa, por ser, no plano morfológico, um pronome de plural; em termos discursivos, uma forma de singular; e, por fim, quanto à sua carga pragmática, uma forma de cortesia e distanciamento.

Embora interessantes, as hipóteses de Brown e Gilman (1960) carecem de validade empírica. A dificuldade talvez resida na falta de intimidade com textos em latim enfrentada por historiadores da língua. Até onde temos notícias, poucos são os pesquisadores que trazem, em seus trabalhos, dados que possam sugerir a viabilidade das hipóteses.

Koch (2008), por exemplo, em seu texto intitulado *Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo Del tratamiento Vuestra Merced em español*, trata tangencialmente a questão, embora, como o próprio nome do texto já anuncie, seu objeto de estudo seja a emergência da primeira das formas nominais de tratamento a partir da perspectiva das Tradições Discursivas.

Para Koch (2008), retomando o clássico trabalho de Brown e Gilman (1960), o tratamento plural *Vos* já estaria presente no latim desde a Antiguidade Tardia, ainda que fosse mais facilmente evidenciado em cartas e documentos oficiais seculares e eclesiásticos. Em seus primeiros registros, *Vos* costuma coexistir, em geral, com formas do tratamento *Tu (tibi)*, como se vê na seguinte passagem extraída de um texto de Símaco a seu pai, escrito em 375:

- (1) a. [...] Summa adficio gratia, quod animadverto litteras meas tibi in subidas non videri, et in gravi dono habeo, hanc apud vos esse de nostris epistulis censionem (SVENNUNG, 1958, p. 377 *apud* KOCH, 2008, p. 61).
b. 'Impressiono-me com sumo agradecimento, ao perceber que minhas cartas não são consideradas néscias por tú, e considero como um grande presente que esta consideração sobre nossas cartas esteja em vós.' (Tradução nossa).

As formas de plural *Vos* também podem coexistir com a pluralização da autorreferência (*credimus*), o que é conhecido como plural majestático, como mostra a carta do imperador Honório (395-423) aos bispos do norte da África:

- (2) a. Serenitas nostra cum in omnibus causis tumpraecipue in his [...] perpensum cupit habere iudicium. de sacerdotio urbis aeternae exortam contentionem etiam trans maria iam credimus nuntiatum. [...] Quapropter sanctitas vestra [...] intra diem Iduum Iuniarum ad Spoletinam civitatem [...] properare dignetur (GUENTHER, 1895-98, p. 72 *apud* KOCH, 2008, p. 63).
- b. 'Nossa serenidade, como em todas as causas, e principalmente nessas [...], deseja ter um juízo correto. Acreditamos que a tensão levantada em relação ao sacerdócio da cidade eterna também já tenha sido anunciada ultramar. [...] Por esta razão, que vossa santidade se digne a apressar-se à cidade de Espoleto até os idos de junho (dia 13 de junho).' (Tradução nossa).

Atendendo à proposta central de seu estudo, Koch (2008) apresenta também evidências de tratamentos abstratos já no latim. Nesse tipo de fórmulas, alguns dados de possessivos estão na segunda pessoa do plural, o que aponta para o registro do tratamento plural *Vos* em diferentes momentos do tempo: em (3), em uma carta de Teodorico (471-526) a Teodahado e escrita por Cassiodoro; em (4), em uma carta do registro de Gregório I (590-604); em (5), na coleção 'alfabética' do *Liber traditionem salisburgensis*, do século IX; e, por fim, em (6), em uma carta do *Liber diurnus Romanorum pontificum*, obra utilizada do século VII ao XI.

- (3) a. Quapropter [...] magnitudo vestra quae sunt ablata restituat: et, si quid vobis creditis posse competere, ad comitatum nostru minstructam iure persona mmodis omnibus destinare vos convenit [...] (MOMMSEN, 1894, p. 149-150 *apud* KOCH, 2008, p. 63).
- b. 'Por esta razão [...], que vossa grandeza restitua as coisas que foram tomadas: e, se judgais que alguma coisa possa pertencer a vós, convém destinar a vós, junto à nossa comitiva, uma pessoa instruída com justiça em todos os sentidos.' (Tradução nossa).
- (4) a. Sicut et nunc devotionem vestram fecisse didicimus [...] (EWALD; HARTMANN, 1891-99, p. 130-131 *apud* KOCH, 2008, p. 63).
- b. 'E do mesmo modo agora aprendemos o que a vossa devoção fez [...]' (Tradução nossa).
- (5) a. Rogamus clementiam vestram, ut eius iustitiam perquirere dignemini [...] (BISCHOFF, 1973, p. 41 *apud* KOCH, 2008, p. 63).
- b. 'Rogamos vossa clemência, para que sejamos julgados dignos de procurar sua justiça [...]' (Tradução nossa).
- (6) a. Et ideo domine beatissime papa precamur apostolatum vestrum, ut [...] (FOERSTER, 1958, p. 183 *apud* KOCH, 2008, p. 63).
- b. 'E por causa disto, beatíssimo senhor Papa, suplicamos vosso apostolado, para que [...]' (Tradução nossa).

Nos textos em que essas formas aparecem, pertencentes a uma filiação discursiva denominada por Koch (2008, p. 64) como tradição diplomática, algumas características comuns podem ser apreendidas. Os textos (i) revelam uma grande distância comunicativa, em um estilo quase solene; (ii) têm a forma de uma carta que é dirigida a um destinatário, o que implica um determinado grau de imediatismo comunicativo; (iii) abrigam, em sua grande maioria, funções comunicativas como a petição ou a ordem; e, por último, (iv) embora sejam escritos (*meio gráfico*), são também propícios para serem lidos em voz alta ao destinatário (*meio fônico* para a sua transmissão).

Como pode ser observado, os dados, ainda que apresentados a título de ilustração, são escassos. Nesse sentido, é nosso objetivo, neste artigo, trazer evidências linguísticas que possam oferecer alguma luz a um dos mais relevantes problemas no estudo da história das formas de tratamento no âmbito românico. Não temos, no entanto, a pretensão de encaminhar uma discussão, com base empírica, sobre a emergência de *Vos* como forma de tratamento singular, o que exigiria um trabalho extenso de exploração de fontes latinas distribuídas diatópico e diacronicamente. O alcance do nosso olhar será mais modesto. Tendo como motivação o dado mais recuado no tempo oferecido por Koch (2008), optamos por seguir explorando os textos de Quinto Aurélio Símaco Eusébio, que datam do século IV. Para tanto, partindo do trabalho de tradução realizado por Schmitt (2018), selecionamos e exploramos alguns dados de *Vos* em fragmentos de discursos (*orationes*) do poeta. Por meio de uma análise de natureza qualitativa, o nosso intuito é verificar em que medida os dados nos permitem capturar os usos dos primeiros registros de *Vos* como forma de tratamento singular.

Este texto está, portanto, organizado da seguinte forma. Na primeira seção, fazemos uma breve apresentação da vida e obra de Símaco. Na seção 2, focamos no *corpus* de trabalho: os discursos (*orationes*) de Símaco. A terceira seção é dedicada à apresentação dos dados selecionados e descrição do contexto de uso. Uma breve análise dos dados é tema da quarta e última seção deste trabalho. A ela, seguem as nossas considerações finais e as referências bibliográficas consultadas.

1 SÍMACO: VIDA E OBRA

Quintus Aurelius Symmachus Eusebius nasceu por volta do ano 340 e morreu muito provavelmente no ano 402 (TENER, 1917, p. 7). Foi neto de *Aurelius Iulianus Symmachus*, cônsul em 330 e filho de *Aurelius Avianus Symmachus* (O'DONNEL, 2015, p. 180). Os discursos de Símaco explorados neste artigo são os primeiros de sua carreira. Em 369, foi o escolhido pelo Senado, estabelecido em Roma, para levar uma oferenda de ouro a Valentiniano I, por motivo de sua *Quinquennalia*, comemoração do quinto aniversário como imperador. Assim, aos poucos, o jovem Símaco foi suficientemente hábil ao angariar a benevolência imperial, estreitando laços entre o Senado e a Corte. Como qualquer outro jovem proveniente da nobreza romana, Símaco, aos poucos, tratava de percorrer o *cursus honorum*, percurso gradual das magistraturas romanas.

Símaco ficou conhecido na história por ter sido um político conservador, defensor da religião tradicional romana e dos costumes antigos. Chegou a ser reverenciado até mesmo por cristãos, oponentes seus, como o bispo de Milão, Ambrósio, no famoso episódio da petição de restauração do altar da deusa Vitória, que havia sido retirado da sede do Senado por ordem do Imperador, no período em que Símaco era o prefeito da cidade (*praefectus urbanus*), cargo administrativo máximo na época, tendo em vista que Roma já não era mais, por motivos logísticos, a sede da Corte (SOGNO, 2006, p. 31).

O orador e político romano governou a região da Lucânia e Brúcio (364-365), foi procônsul na África (373-374), prefeito de Roma, em 384, e cônsul em 391. Além de seu avô, também seu neto chegou a ocupar o consulado, em 446. Seu pai, embora não tivesse ocupado o posto de cônsul, também chegou a ser prefeito de Roma, cargo conhecido também como prefeito da Urbe, em 364, cinco anos antes de o jovem Símaco proferir seus discursos (VALDÉS GALLEGO, 2003, p. 13-14).

As obras de Símaco que chegaram à posteridade são habitualmente classificadas em três gêneros. Conservamos suas mais de 900 cartas (*epistolae*), 49 informes (*relationes*) dirigidos, sobretudo, ao imperador, durante sua estadia como prefeito de Roma, e oito discursos (*orationes*), dos quais os dois primeiros, dedicados a Valentiniano I, são aqui considerados. É importante termos presente, sobretudo na análise das formas verbais e pronominais de segunda pessoa, que as obras remanescentes do autor foram editadas por ele e por seu filho, o que nos permite minimizar, ao menos em parte, a possibilidade de erros de conjugação para o caso dos verbos, apesar de terem sido amplamente copiadas por monges ao longo da Idade Média, sobretudo suas cartas, consideradas modelo do estilo latino.

Embora Símaco tenha sido de grande relevância no cenário político e intelectual de sua época, é fato que suas obras ainda não foram exploradas e traduzidas a outras línguas. Foi considerado um grande orador durante sua vida, conhecido por ter sido o último grande orador da religião tradicional romana. Após sua morte, sobretudo ao longo da Idade Média, suas cartas foram amplamente utilizadas como modelo, mas, ao longo dos séculos vindouros, suas obras caíam no esquecimento, ao ponto de não haver, nos dias atuais, uma tradução completa publicada que englobe toda a sua obra. Por outro lado, somos conscientes também que por motivo da escassez de traduções, muitos pesquisadores, por não dominarem a língua latina, acabam sendo excluídos do contato com certos autores e obras. A falta de traduções de obras tardo-antigas para línguas modernas é um problema que vem sendo solucionado aos poucos, mas ainda muito vagarosamente e, nesse sentido, as obras de Símaco não são uma exceção.

A edição das obras de Símaco mais prestigiada até os dias de hoje é a de Otto Seeck, realizada no século XIX. Sabe-se que, apesar de sua fama de grande orador já em vida, seus discursos (*orationes*) ficaram desaparecidos por vários séculos. O embate ideológico entre Símaco e os principais cristãos da época diluiu-se em uma ironia do destino quando, em 1815, o cardeal Angelo Mai publicou os seus discursos, que haviam sido descobertos em um palimpsesto de uma tradução latina das atas do Concílio de Calcedônia. Baseando-nos no escasso número de traduções, podemos afirmar que, das obras de Símaco, seus discursos (*orationes*) são os menos explorados.

2. OS DISCURSOS (*ORATIONES*) DE SÍMACO

Símaco liderou uma embaixada senatorial enviada de Roma a Tréveris no inverno de 368-369, com o intuito de presentear Valentiniano por motivo de sua *Quinquennalia*. Tratava-se de uma oferenda “voluntária” de ouro, entregue aos imperadores durante sua ascensão ao trono e a cada cinco anos de aniversário de reinado. A missão de estreitar laços entre Senado e Corte era delicada, e mais ainda com Valentiniano I, que embora já fosse imperador da parte ocidental por cinco anos, ainda não havia estado em Roma. Símaco, representante do Senado, estava presente para estabelecer boas relações com o imperador. Apesar de sua juventude, seu talento nato e a influência de sua família, bem como de seu amigo Pretextato, prefeito de Roma naquele ano, fizeram-no ser o escolhido para representar todo o Senado Romano.

O jovem orador não perdeu tempo e buscou, além de cumprir a missão para a qual havia sido designado, estabelecer amigos na corte imperial, sendo o principal deles Ausônio, hoje conhecido como um dos principais intelectuais do século IV que, na época, era tutor do filho do imperador, Graciano (HEATHER, 2005, p. 38). A principal prova de que a recepção de seu discurso foi positiva está no fato de o próprio imperador lhe ter solicitado um segundo panegírico, por motivo de seu terceiro consulado.

No primeiro panegírico, conforme o costume à época, Símaco busca celebrar a dinastia valentiniana, instituída pelo destinatário do discurso. Neste sentido, a estratégia do autor consiste em engrandecer a biografia e os antepassados do imperador, bem como sua escolha por parte do exército e seus primeiros anos de reinado. Ao mesmo tempo em que não poupa elogios ao imperador, o orador também sabe escolher suas palavras para que não possam ser mal interpretadas. Por exemplo, ao elogiar o exército pela escolha de Valentiniano, acrescenta que não houve qualquer pessoa a discordar de tal escolha, dando a entender que houve unanimidade na seleção, o que muito provavelmente não deve ter acontecido.

No segundo panegírico dedicado a Valentiniano, por motivo do terceiro consulado do imperador, Símaco basicamente se centra em narrar os feitos de Valentiniano como imperador, especificamente suas vitórias contra os alamanos e suas fortificações ao longo do Reno. Além de suas conquistas militares, o orador volta a enaltecer Valentiniano por supostamente haver aceitado se tornar imperador de forma relutante, quase por obrigação por parte do exército. Esses panegíricos lhe serviram de trampolim em sua escalada política. De fato, três anos depois, em 373, receberia o proconsulado da África, importante província romana.

3 EVIDÊNCIAS LINGUÍSTICAS PARA O ESTUDO DA FORMA DE TRATAMENTO *VOS*

Tendo em vista a inexistência de uma tradução do *corpus* simaquiano em língua portuguesa, tal trabalho foi inicialmente empreendido em Schmitt (2018), a começar por seus oito discursos, menores em quantidade e extensão, se comparados às suas cartas e

informes. Dos oito discursos, dos quais os três primeiros foram traduzidos de forma conservadora, buscando a maior proximidade possível com o original latino, mas ao mesmo tempo tratando de não dificultar a leitura para um público não especialista, chamou nossa atenção a variação pronominal, na qual a segunda pessoa do plural foi utilizada como forma de tratamento de singular.

A hipótese que queremos verificar nessas ocorrências é a de que, como salientam Brown e Gilman (1960), o orador Símaco quisesse abranger, nesses momentos do discurso, não somente a Valentiniano, mas também a Valente, seu irmão e então imperador da parte oriental do Império.

Embora haja casos em que *Vos* seja utilizado como forma de tratamento singular, é ponto passível entre os pesquisadores que Valente não se encontrava na corte de Tréveris à época em que os panegíricos foram proferidos. Ressaltamos também que, embora tenhamos feito uma tradução literal dos únicos três panegíricos a imperadores que restaram das obras de Símaco, dois dirigidos a Valentiniano e um ao seu filho, ainda criança, Graciano, apenas os dirigidos a Valentiniano possuem a variação pronominal de segunda pessoa, razão pela qual serão os únicos textos aqui considerados. Essa primeira observação, portanto, dá força à hipótese de que a motivação para o uso do novo tratamento tenha sido, aparentemente, a de se dirigir a ambos os imperadores que de fato governavam na época.

Por outro lado, as ocorrências de *Vos* são ínfimas, se comparadas ao volume dos discursos em que aparecem. De acordo com a divisão da edição crítica de Otto Seeck, o primeiro discurso de Valentiniano possui 23 parágrafos, enquanto o segundo possui 32. De um total de 55 parágrafos que constituem o *corpus* da pesquisa, somente foram registradas onze ocorrências, das quais dez se encontram no segundo discurso.

Embora haja discordância entre alguns pesquisadores sobre a datação exata dos discursos, tal dissonância não possui mais de um ano de variação. Portanto, sem entrar no mérito da data exata, nos limitaremos a expor as datas apresentadas por Otto Seeck. Sendo assim, o primeiro discurso a Valentiniano data de 25 de fevereiro de 369, por motivo de seu quinto aniversário como imperador, e o segundo foi proferido em 1º de janeiro de 370, por motivo de seu terceiro consulado. Nesse sentido, é passível de discussão também se o jovem Símaco, representante do Senado, tivesse se deslocado a Tréveris durante o inverno de 368-369 e tido uma estadia de aproximadamente um ano na corte, ou se tivesse regressado a Roma depois da comemoração da *Quinquennialia* do imperador e voltado depois para comemorar seu terceiro consulado. Por motivos logísticos, entre outros, a maioria dos estudiosos concorda que a primeira opção seja a mais provável.

A seguir apresentamos os excertos em que os dados de formas do paradigma de *Vos* coexistem com formas do paradigma de *Tu*, seja ao utilizar um pronome de segunda pessoa do plural quando se faz referência à segunda do singular, seja ao conjugar um verbo, nas mesmas circunstâncias de uso. Também destacamos os excertos em que apenas a segunda pessoa do plural aparece. Tendo em vista essas considerações, passamos a expor o texto latino, sua tradução e alguns comentários. As marcações de segunda pessoa do singular, quando ocorrem, estão em itálico, enquanto que as de plural estão em negrito,

em ambas as línguas. Embora os discursos apresentados já tenham sido contextualizados, eventualmente realizaremos algumas considerações particulares, para melhor entendimento do excerto em questão, tendo sempre em vista a necessária cautela ao utilizar as informações contidas no *corpus* como fontes históricas, pelas características próprias do gênero panegírico, de natureza laudatória e não propriamente descritiva.

As traduções das obras de Símaco e os estudos sobre a vida do autor ainda são bastante escassos, não apenas em língua portuguesa. Não havendo ainda uma publicação em português de seus discursos, encontramos uma tradução em espanhol, de José Antonio Valdés Gallego (2003) e outra em inglês, de Barbara Saylor Rodgers (2015). Em ambas as traduções buscamos analisar como os autores verteram os dados de *Vos* em tais excertos em suas respectivas línguas.

Valdés Gallego realizou uma tradução literal, alternando, conforme o original latino, entre segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural, sem realizar qualquer comentário a respeito em suas não poucas notas de rodapé. Por outro lado, resolvemos analisar a tradução de Rodgers desses excertos em concreto, embora, em um primeiro momento, aparentemente, não fizesse tanto sentido, tendo em vista que na grafia, tanto do pronome de segunda pessoa, quanto na conjugação do verbo, não há diferenças entre singular e plural na língua inglesa. Contudo, ainda que tal diferença não fosse visível na tradução, a autora, por meio de notas de rodapé, especificou que se tratava de número plural, fazendo uso do original latino. De fato, em sua primeira nota de rodapé referente ao tema, a autora reforça a hipótese de Brown e Gilman (1960), de que a variação, de certa forma, era consciente, de modo a incluir o outro imperador reinante, nesse caso, Valente, e que tal prática à época já era usual quando havia mais de um Augusto:

Symmachus addresses both Valentinian and the absent Valens, as was the custom when there was more than one Augustus. Although Gratian had also become emperor, he is not included in the remarks about Valentinian's and Valens' attendance upon their father (RODGERS, 2015a, p. 2).

Rodgers também esclarece que tais variações não incluíam Graciano que, apesar de Augusto, era ainda uma criança de dez anos. Sobre sua recente nomeação, estipula-se que tenha sido motivada por uma grave doença de Valentiniano, que pensava estar à beira da morte (MITCHELL, 2015, p. 86-87).

Se enumerarmos os parágrafos dos dois discursos entre variação ou não de segunda pessoa, bem como aqueles parágrafos em que não se registra a segunda pessoa, teremos o seguinte:

- Primeiro discurso a Valentiniano:
- a) apenas ocorre a segunda pessoa do singular (2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23);
 - b) coexistência entre formas de singular e de plural (1);
 - c) apenas ocorre a segunda pessoa do plural (0);
 - d) sem qualquer menção à segunda pessoa (3).

- Segundo discurso a Valentiniano:
- a) apenas ocorre a segunda pessoa do singular (4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30);
 - b) coexistência entre formas de singular e de plural (2, 13, 24);
 - c) apenas ocorre a segunda pessoa do plural (16, 31, 32);
 - d) sem qualquer menção à segunda pessoa (3, 5, 8, 15, 22).

Como é possível perceber, na grande maioria dos parágrafos ocorre exclusivamente a segunda pessoa do singular. Os poucos parágrafos em que não há menção à segunda pessoa basicamente se concentram entre a narração de acontecimentos e a descrição de fortificações, entre outros. Também entraram nesta divisão aqueles momentos em que o orador se dirigia ao público ou criava diálogos entre personagens históricos. Se somarmos os parágrafos em que há formas de singular e plural coexistindo ou em que se registra apenas o uso da segunda pessoa do plural, teremos um total de sete.

Passamos, portanto, a apresentar os excertos de cada um dos parágrafos em que as ocorrências se encontram, fazendo uso do original latino da edição crítica de Otto Seeck e apresentando uma tradução nossa abaixo, com base no trabalho de Schmitt (2018). Os excertos estão divididos entre: “excertos em que coexistem formas de singular e de plural da segunda pessoa” (7-10) e “excertos exclusivamente na segunda pessoa do plural” (11-13). Os números que antecedem os excertos indicam os parágrafos nos quais o excerto se encontra. Apenas o primeiro excerto pertence ao primeiro discurso dirigido a Valentiniano. Todos os outros são do segundo discurso proferido ao imperador. Por ora, vejamos os dados. Seus comentários, no entanto, são apresentados na seção 4.

3.1 EXCERTOS QUE EVIDENCIAM A COEXISTÊNCIA ENTRE FORMAS DE SINGULAR E PLURAL DA SEGUNDA PESSOA

- (7) **1.** Totius orbis **estis** indigenae alibi fructum lucis, alibi usum laboris indepti. an non ipsam quoque Africam iure patriam *tuam* dixerim, quae *te* prima in contubernio parentis edocuit, qualis princeps esse *deberes*?

Sois naturais de todo o orbe, tendo alcançado, de um lugar, o gozo da luz, de outro, a prática do trabalho. Por ventura não diria com justiça que a *tua* pátria também é a própria África, a qual foi a primeira que *te* ensinou, na companhia de teu pai, de que natureza de príncipe *devas* ser?

Este excerto constitui o início do primeiro discurso de Símaco. O orador busca retratar na pessoa de Valentiniano um imperador que conhece todo o Império, até mesmo

suas partes mais remotas. A alusão à sua estadia na África remonta ao tempo em que seu pai, Graciano, a governou, de 320 a 330, em que Valentiniano era ainda uma criança.

Das quatro ocorrências de segunda pessoa, apenas uma, localizada na primeira frase, está no plural, *estis*. Trata-se de um verbo flexionadona segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativo do verbo *esse* (ser); as formas de segunda pessoa do singular – possessivo *tuam*, pronome oblíquo *te* e verbo flexionado *deberes*- ocorrem na segunda frase.

- (8) 2. Novimus, invicte moderator, tantis negotiis parem non esse mercedem; idem *tibi* praemium plerumque decernitur, cum a *te* diversa praestentur. si non congruit meritis, quod solutum est, honor vincitur non voluntas. nam quid *tibi* adicit consulatus, cum felices annos imperii *tui* de aetatibus novarum urbium calculemus? aliorum tempora fastis numerata sunt, **vestra** victoriis.

Sabemos, governante invicto, que não há salário justo para tamanhas ocupações. Determina-se para *ti* quase sempre o mesmo prêmio, quando diversas coisas são fornecidas por *ti*. Se o que foi resolvido não é apropriado aos méritos, a honra é vencida, não a vontade. Por outro lado, o que o consulado *te* adiciona, quando calculamos os felizes anos de *ten*Império pelas idades das novas cidades? Os tempos de outros foram contados com fastos, os **vossos** com vitórias.

Este é o primeiro excerto do segundo discurso, que tem como objeto o terceiro consulado de Valentiniano. Se no primeiro discurso o orador focou na biografia do imperador, neste, conforme a praxe, dedicou-se a exaltar suas obras e façanhas, as quais justificam o prêmio que lhe está sendo auferido. Uma vez que os anos normalmente eram marcados pelos nomes dos cônsules, Símaco não considera isso grande coisa, tendo em vista as recentes cidades criadas que levavam o nome de Valentiniano. Os fastos eram propriamente os registros do calendário romano formado pelos nomes dos cônsules.

No plano linguístico, a coexistência, no mesmo excerto, entre as formas se encontra especificamente ao final, depois de várias construções na segunda pessoa do singular, como os pronomes oblíquos *te* e *tibi* e o possessivo *tui*. Semelhantemente ao que ocorre em (7), aqui também a forma de segunda pessoa do plural (o possessivo *vestra*, nominativo neutro plural do pronome possessivo *vester*) se encontra sozinha no âmbito da sentença.

- (9) 13. non est, ut auguror, otiosum, quod Burgundionum creba legatio concordiam postulavit: aut arma principis sentiuntur, aut iam celsa eminus castrorum tecta rutilarunt. optant cohaerere victoribus prius pace quam limite. si ulla *tibi* in otio esset aetas, preces forsitan distulissent. quidquid interiacet, ornando **iungetis** accessu (...)²ore rogans tota consumitur. ubi illi sunt, qui dudum Germaniae civitates obsidione ceperunt?

² Esta parte do discurso foi perdida. Não se sabe ao certo sua extensão.

Não é, como declaro, supérfluo, o fato de que uma numerosa embaixada de burgúndios solicitou um acordo: ou as armas do príncipe são percebidas, ou já de longe os elevados tetos dos acampamentos brilharam. Escolhem unir-se aos vitoriosos antes pela paz que pela fronteira. Se houvesse algum período para *ti* de inatividade, talvez eles tivessem diferido suas preces. **Unireis** tudo aquilo que está colocado ao meio, preparando a sua vinda (...) rogando com sua boca consome-se todas as coisas. Onde estão aqueles que pouco antes se apoderaram com cerco das cidades da Germânia?

No excerto destacado em (9), o orador exalta novamente o poder bélico e estratégico do imperador que fez que até mesmo os burgúndios solicitassem um acordo, os quais percebiam, ao longe, suas armas e construções elevadas no acampamento, escolhendo a paz em vez de uma luta pela delimitação de fronteira. Isso só foi possível, segundo Símaco, graças à atividade ininterrupta do imperador; do contrário, os burgúndios não teriam solicitado um acordo tão cedo.

O trecho seguinte carece de uma parte, entre parênteses, mas é possível que Símaco coloque os imperadores romanos como os responsáveis por unir os povos bárbaros sob sua liderança e finaliza com uma pergunta retórica que explicita a vitória romana sobre um povo que anteriormente tratou de atacar a Germânia (a parte romana, obviamente). Até hoje não se sabe ao certo se ele estava fazendo uma referência aos alamanos ou aos próprios burgúndios, povos que o próprio Valentiniano tentou fazer que lutassem uns contra os outros.

Em relação às formas de tratamento encontradas, nesse fragmento, registra-se a utilização do pronome oblíquo *tibi*, pertencente ao paradigma de *Tu*. Ao final do excerto, também em sentença isolada, como ocorre com os exemplos anteriores, consta a forma de plural *iungetis*, um verbo na segunda pessoa do plural do futuro imperfeito do indicativo ativo da 3ª conjugação.

- (10) **24.** Ventilemus prisca monumenta, scrutemur annales: *invenies* vetustatem paene ignaram fluminum, quae **tenetis**. ipsi illi vates exoticis nominibus licenter ornati, cum ad Indicum Gangen et Borysthenen Scythicum carmen extenderint, Nigrum parem maximis ignoratione siluerunt. nunc primum victoriis *tuis* externus fluvius publicatur. gaudeat servitute: captivus innotuit. elementis quodammodo ditatam cerno rem publicam, cui amnes incogniti mancipantur, longinqua terra coniungitur. dum orbis terminos *quaeris*, gentium *sustulisti*. parum quiddam naturae superest, quod adhuc Romanus inquirat. relabi *credis* imperium, nisi semper accesserit.

Arejemos os monumentos antigos, examinemos os anais: *encontrarás* a ancianidade praticamente desconhecedora dos rios que **possuís**. Aqueles mesmos vates ornados extravagantemente com nomes exóticos, quando estendiam o seu canto ao índico

Ganges e ao cítico³ Borístenes⁴, omitiram por desconhecimento o Neckar que é igual aos maiores. Agora, por primeira vez, um rio estrangeiro é feito público pelas *tuas* vitórias. Que se alegre com a escravidão: o cativo tornou-se conhecido. Verifico em certo modo que o Estado enriquecido pelos elementos, ao qual os rios desconhecidos são transferidos, se une a uma terra longínqua. Enquanto *buscas* os limites do orbe, *suprimiste* os das nações. Um certo pouco da natureza resta, o qual o romano ainda examina. *Acreditas* que o Império retrocede se não cresce sempre.

Em (10), observa-se, no início do excerto, a coexistência entre a forma de singular *invenies* e a forma de plural *tenetis*, um verbo flexionado na segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativoda 2ª conjugação, quando o orador exalta um rio do Império que a ancianidade supostamente desconhece. Então, enaltece ainda mais sua pessoa, elogia o suposto descobrimento do rio Neckar, igual aos maiores.

Cabe destacar que aqui o orador se permite fazer uma licença, ao querer comparar o rio Neckar, um rio da atual Alemanha e afluente do rio Reno, com pouco mais de 300km de extensão, aos rios Ganges e Dniepre, cada qual com mais de 2.000km de extensão.

É interessante notar que, na sequência, Símaco volta a utilizar a segunda pessoa do singular, especificando que isso foi graças às vitórias de Valentiniano. São utilizadas, assim, as seguintes formas: o possessivo *tuis*; e as formas verbais *quaeris*, *sustulisti* e *credis*.

3.2 EXCERTOS EXCLUSIVAMENTE NA SEGUNDA PESSOA DO PLURAL

(11) **16.** familiare est magnis animis repudiare compendia: incaute positam civitatem probrat amissio; captivam solvimus, ut liberam conderemus. antiquata sunt delicta maiorum: turpiter amissa **revocastis**, neclegenter facta **corrigitis**. in eam condicionem venit Alamannia, ut quae sua conpellebatur amittere, fateretur se nostra tenuisse.

As faltas dos antepassados foram restauradas: **reconduzistes** as coisas perdidas de modo indigno; **endireitais** as coisas feitas negligentemente. A Alamânia chegou a tal condição que, quando era impelida a perder suas coisas, admitiu ter retido para si as nossas.

A partir da leitura do excerto disponível em (11), é possível entender que, ao mesmo tempo em que critica imperadores anteriores a Valentiniano por terem perdido territórios antes dos romanos, Símaco elogia o imperador por os estar reconquistando. Nesse fragmento, são registradas as seguintes formas verbais: *revocastis*, verbo flexionado na segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo ativo da 1ª conjugação; e

³*Cítico* é um adjetivo para referir-se ao povo cita, que habitava a Cítia, região em que se encontra o rio.

⁴ Hoje é chamado rio Dniepre. Nasce ao norte da Rússia e serve de fronteira natural entre a Bielorrússia e a Ucrânia. Possui 2.201km de extensão.

corrigitis, verbo flexionado na segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativo da 3ª conjugação.

- (12) **31.** felicitas saeculi ista commoditas est obsequia utrique iuncta praebere et beneficia divisa percipere. moderatum est, quod penditur, quia simul **sumitis**, amplissimum, quod geritur, quia certatim ambo **praestatis**.

Essa é uma vantagem própria de uma geração feliz, de oferecer a ambos complacências conjuntas e assegurar benefícios partilhados. É moderado o que é pago, porque o **recebeis** ao mesmo tempo, e é muitíssimo o que é produzido, porque com emulação ambos **outorgais**.

- (13) **32.** quanto parcius **vestri** numinis cultus est quam deorum! illis singula templa fundantur et sua cuique locantur altaria. inde, ut arbitror, maluerunt dispares ritus, ne in consortium cogentur: nulli cum altero fas est dicere pulvinar; hunc Phrygius antistes placat, hunc pontifex; illas castae matres tuentur aras, has infulata virgo custodit; sumpserunt nomina diversa tot flamines, ne possent dis pluribus esse communes. ipsas nobilium divisere gentes: Pinarios Hercules occupavit, Idaea mater legit hospites Scipiones, Veneriis sacris famulata est domus Iulia. orbem paene ipsum sumptus defecit, quia cultus inplevit. **vestri** imperii iuncta frugalitas est, discreta maiestas; unum quodammodo in **vobis** putamus esse, qui regimur, cum duos sentiant, qui resistunt.

Quanto mais parco é o culto de **vossa** divindade que o dos deuses! São fundados templos separadamente para cada um deles e são colocados para cada um seus próprios altares. Por isso, como penso, preferiram ritos diferentes, para que não fossem obrigados a terem correlação. Não é permitido consagrar uma almofada de nenhum junto com outro. Um sacerdote frígio aplaca este, um pontífice aquele; piedosas mães mantêm aquelas aras, uma virgem adornada com faixas protege estas. Muitos flâmines receberam nomes diversos para que não pudessem ser comuns a mais deuses. Separaram as próprias famílias dos nobres: Hércules ocupou os Pinários, a mãe do Ida elegeu hospedeiros aos Cipiões, a casa Júlia serviu às coisas sagradas de Vênus. A despesa quase faliu o próprio orbe, porque o culto o saturou. A economia de **vosso** Império é conjunta, a majestade separada. Os que somos dirigidos, em certo modo, pensamos ser um só em **vós**, enquanto os que se opõem percebem que são dois.

Os parágrafos 31 e 32 - (12) e (13), respectivamente -, são os últimos do discurso, constituindo a sua conclusão. Em (12), o orador admite ser moderado o que é pago ao imperador, tendo em vista que o valor é dividido entre os dois imperadores e que, além do mais, o que ambos imperadores fazem pelo Império é muito mais do que recebem. Ao receber, é como se fossem apenas uma pessoa, mas ao dar, ambos realizam tal ato.

Já (13) destaca-se por elogiar a economia do imperador no que tange a seus custos. Novamente trata-se de uma estratégia retórica para agradar a corte, tendo em vista que não apenas Valentiniano, mas toda a sua dinastia, foi cristã. Mesmo assim, o orador optou pelo uso da palavra *numen* (divindade) para se referir ao imperador, de modo a compará-lo, de certa forma, com os cultos realizados pela religião tradicional romana.

Nesses dois fragmentos, assim como visto em (11), são utilizadas exclusivamente formas de segunda pessoa do plural: em (12), *sumitis* (verbo flexionado na segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativo da 3ª conjugação) e *praestatis* (verbo flexionado na segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativo da 1ª conjugação); em (13), *vestri* [*numinis*] (genitivo neutro singular do pronome possessivo *vester*), *vestri*[*imperii*] (genitivo neutro singular do pronome possessivo *vester*) e, por fim, [*in*] *vobis* (ablativo plural do pronome pessoal de segunda pessoa).

Em síntese, como foi possível observar, das onze ocorrências de formas próprias do paradigma da segunda pessoa do plural, sete são verbos, todos no indicativo ativo, dos quais cinco se encontram no presente (*estis*; *tenetis*; *corrigitis*; *sumitis*; *praestatis*), um no futuro imperfeito que, no português, corresponde ao futuro do presente (*iungetis*) e um na forma sincopada do pretérito perfeito (*revocastis*). As outras quatro ocorrências são todas pronominais, três de pronomes possessivos (*vestra* e duas vezes *vestri*) e uma de pronome pessoal (*vobis*). Todas as ocorrências de pronomes possessivos se encontram no gênero neutro, por acompanharem substantivos neutros (*tempus*, *numen* e *imperium*) que aparecem declinados na seguinte forma: *tempora*, *numinise imperii*, ou seja, o primeiro no nominativo plural e os outros dois no genitivo singular.

4 O QUE DIZEM OS DADOS?

Uma vez visualizados os dados na seção anterior, vejamos agora o que pode ser depreendido, a partir da leitura dos excertos selecionados, sobre o uso de formas do paradigma de *Vos* como tratamento no singular. Desejamos, portanto, trazer elementos que nos permitam questionar a hipótese de Brown e Gilman (1960), também seguida por Rodgers (2015a), que relaciona o uso de *Vos* à figura dos dois imperadores: Símaco faria referência não somente a Valentiniano, mas também ao seu irmão Valente, imperador da parte oriental do Império.

Antes, no entanto, de endereçar essa questão central, cabem alguns apontamentos mais gerais. Sobre as decisões dos tradutores considerados, o exemplo em (7) é, talvez, o único excerto em que é possível perceber uma diferença de número na tradução inglesa. Na palavra que acompanha o verbo, *indigenae*, que traduzimos por “naturais”, Rodgers (2015a, p. 1) optou por *natives*, possibilitando a marcação da pluralidade no predicativo do sujeito, uma vez que a morfologia do verbo flexionado na segunda pessoa no inglês não é transparente à informação de número.

Chama, também, a atenção o fato de formas do paradigma de *Vos* coexistirem com formas do paradigma de *Tu* no mesmo excerto, mas nem sempre na mesma sentença. Isso ocorre em (7), (8) e (9). Merece destaque o excerto em (8): a frase contendo a forma de plural (*vestra*) é a última do excerto, a mais distante do vocativo inequivocamente no

singular – *invicte moderator* (governante invicto) - que se encontra ao princípio do fragmento.

O excerto em (10), por sua vez, seria uma exceção a esse comportamento. Coexistem, numa mesma frase situada no início do fragmento em questão, formas verbais de singular (*invenies*) e plural (*tenetis*). Esse dado encaminha o nosso olhar para outra direção. Talvez a distribuição entre formas de singular e de plural em contextos de coexistência não seja sensível a aspectos sintáticos como as fronteiras das sentenças, mas esteja relacionada à referência compatível com a semântica dos verbos. Em (10) - *invenies vetustatem paene ignaram fluminum, quae tenetis* (*encontrarás a ancianidade praticamente desconhecedora dos rios que possuís*) -, vê-se que ao imperador Valentiniano, interlocutor do orador, cabe a missão de "encontrar" algo, no sentido de "dar-se conta", "compreender" que a velhice desconhece os rios que fazem parte do Império. Essa seria a razão pela qual o verbo *invenies* encontra-se flexionado na segunda pessoa do singular. Já a forma de plural *tenetis*, por sua vez, estaria relacionada ao Império, entidade detentora dos rios; por extensão, o Império se materializa na figura dos imperadores. Parafraseando essa passagem, teríamos algo do tipo: "Vós [tu (Valentiniano) e teu irmão (Valente)], que representais toda a extensão do Império, possuís rios".

A análise desse dado isoladamente nos faria responder de forma positiva à hipótese levantada por Brown e Gilman (1960), por ser possível, através do exercício de leitura proposto, atribuir uma referência plural e, talvez o mais importante, definida e específica - os imperadores romanos - ao sujeito do verbo *tenetis*. As demais formas pronominais e verbais do mesmo excerto, todas na segunda pessoa do singular, respaldariam essa proposta. Formas de singular seriam utilizadas em contextos que não exigem a representação do conjunto *imperador + império* (o que recai, obviamente, na inclusão do outro imperador, numa equação *imperador 1 + imperador 2*), como quando o orador menciona o exemplo do rio Neckar e exalta os esforços do imperador em buscar os limites do orbe e suprimir os das nações.

Os demais dados, no entanto, podem não sugerir que o segundo elemento do conjunto da pluralidade seja necessariamente o imperador Valente, irmão de Valentiniano, que estamos considerando aqui como *imperador 2*. No exemplo (7), em "*Totius orbis estis indigenae alibi fructum lucis, alibi usum laboris indepti*" ("**Sois** naturais de todo o orbe, tendo alcançado, de um lugar, o gozo da luz, de outro, a prática do trabalho"), por se tratar da frase inicial que inaugura o panegírico, por mais que a mesma leitura de (10) seja possível, isto é, o sujeito do verbo *estis* sendo o esquema *imperador 1 + imperador 2*, há outras possibilidades de interpretação. Não seria impossível pensar que a leitura plural faça menção ao conjunto de imperadores na história do Império Romano, por exemplo, como seres globais e merecedores de sua posição de destaque, conhecedores de todo o império, até mesmo de suas partes mais longínquas. Veja-se que, por essa leitura, o segundo elemento da combinação de plural poderia ser um imperador qualquer da história de todos os imperadores romanos (*imperador 1 + imperador X*) ou até mesmo o conjunto formado por Valentiniano e outros imperadores (*imperador 1 + imperador X + imperador Y ...*).

Essa mesma análise poderia ser aplicada a (8). Para Rodgers (2015b, p. 2), ao utilizar a forma possessiva de segunda pessoa do plural em "aliorum tempora fastis numerata sunt, **vestra** victoriis." ("Os tempos de outros foram contados com fastos, os **vossos** com vitórias."), é possível que o orador não esteja apenas tendo presente a Valente de uma forma geral, como parece fazer nas outras ocasiões em que utiliza formas do paradigma de *Vos*, mas ao fato de o imperador da parte ocidental do oriente ter derrotado os godos. Do ponto de vista gramatical, a forma *vestra* neste caso também poderia ser justificada pela oposição no plural provocada pelo sintagma *aliorum tempora*: "os tempos de outros" x "os vossos tempos".

Em (9), todas as ações anteriores à ação descrita com o verbo flexionado na segunda pessoa do plural fazem referência exclusivamente a Valentiniano, razão pela qual a forma pronominal escolhida (*tibi*) pertence ao paradigma de *Tu*. No entanto, na sentença em que se encontra a forma verbal de plural *invenietis*, é possível a leitura, tal como ocorre em (7) e (8), de que Símaco atribua aos imperadores romanos, num esquema *imperador 1 + imperador X + imperador Y ...*, a responsabilidade de unir os povos bárbaros sob sua liderança. Nessa mesma linha, por se tratar de um evento bélico, caberia também o entendimento de que, para a atividade de guerra, seria plausível o conjunto *imperador 1 + exército* como sujeito do verbo.

Os mesmos procedimentos de leitura podem ser aplicados aos casos encontrados em excertos contendo exclusivamente formas de segunda pessoa do plural. Em (11), ao fazer referência à reconquista de territórios perdidos, cabe a leitura de que Símaco estaria considerando o referente plural que contempla não somente a figura de Valentiniano, mas também do exército responsável pela façanha. Ademais, semelhantemente ao que ocorre em (8), aqui o uso do plural também poderia ser justificado pelo contraste estabelecido entre "os imperadores anteriores a Valentiniano", que perderam territórios, e "o império de Valentiniano" propriamente dito, responsável por reverter a perda.

Por fim, nos demais dados, a ideia de plural também se faz presente sem que pareça haver menção direta à figura de Valente, mas ao império de uma forma geral, como em (12), ou ao conjunto de representantes da dinastia de Valentiniano, como em (13).

Como se vê, a partir dessa primeira aproximação aos dados, a referência que acompanha o imperador Valentiniano na leitura plural não é única, ao menos aos nossos olhos. Dito de outro modo, a leitura plural não necessariamente seleciona como segundo elemento do conjunto a figura do outro imperador, isto é, Valente. Ao alcance de nossos dados, a pluralidade pode ser encontrada, de forma mais abrangente, na figura do próprio imperador-interlocutor, que carrega consigo o peso de uma tradição de outros representantes que o antecederam no cargo ou de integrantes de seu exército. Reconfigurando a hipótese inicial de Brown e Gilman (1960), somos levados a postular que, em vez de referência definida por *indivíduos* (*indivíduo 1 + indivíduo 2*), parece ser o caso de estarmos diante de uma referência definida por outro meio: a *classe* ou grupo social de imperadores ou militares. Para sistematizar os nossos achados, propomos, com base tão somente nos dados levantados, as seguintes generalizações: (i) formas do paradigma de *Tu*: são usadas em *referências específicas e singulares*, dirigidas ou contemplando exclusivamente a figura do imperador Valentiniano; (ii) formas do paradigma de *Vos*: são

empregadas em *referências coletivas* a grupos dos quais o imperador Valentiniano necessariamente faz parte.

A partir do uso de formas de segunda pessoa do plural em discursos dirigidos ao imperador, tem início o primeiro processo significativo de mudança no quadro das formas de tratamento nas línguas românicas. Como anunciado na Introdução deste trabalho, não é nosso objetivo teorizar sobre a mudança linguística com base em evidências históricas distribuídas ao longo do tempo, das quais não dispomos até o momento. No entanto, consideramos relevante tecer alguns apontamentos gerais que podem, em pesquisas futuras, ser confirmados ou refutados.

É bastante provável que os primeiros usos de formas do paradigma de *Vos* nos contextos que aqui trazemos tenham provocado uma situação de ambiguidade quanto à informação de número, se singular ou plural, embora a forma seja associada a um único interlocutor. Nesse sentido, haverá dois movimentos - talvez concomitantes, talvez em alguma ordem específica - em níveis distintos da língua. No plano linguístico-discursivo, formas morfológicamente especificadas para o plural designam uma única entidade, no singular. Além disso, a forma *Vos* passa a ser associada à figura de maior prestígio na sociedade romana, o que gera repercussões no terreno da pragmática. De acordo com os atributos sociais da imagem do imperador, o uso linguístico de *Vos* teria começado a marcar e materializar relações de poder, respeito, distanciamento e cortesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica evolutiva das formas de tratamento no âmbito românico é um tema que tem suscitado inúmeros debates no meio acadêmico, pela riqueza de detalhes e nuances dos caminhos trilhados pelas formas de segunda pessoa, em termos de usos, valores e propriedades gramaticais, nas diversas línguas que continuaram historicamente - e, naturalmente, divergiram - da variedade popular do latim.

Neste texto, o nosso intuito foi elaborar uma reflexão inicial, a partir de materiais até então inexplorados para esta perspectiva de trabalho, sobre o momento crítico inicial de uma série de mudanças que *perturbam* a ordem e a exclusividade de *Tu* como tratamento para a segunda pessoa do singular. O *deslocamento de Vos* do plural para o singular, nosso objeto de estudo, seria seguido por outras mudanças responsáveis por tornar o sistema ainda mais complexo, como a *emergência de formas de tratamento de base nominal* a partir de fins do período medieval, como *Vossa Mercê*, por exemplo.

A análise aqui empreendida a partir da leitura e interpretação de dados extraídos de discursos de Símaco, ainda que restrita e limitada - como qualquer olhar investigativo - à amostra constituída, aponta para a viabilidade de flexibilização da hipótese aventada por Brown e Gilman (1960). Novos estudos podem reforçar, ou até mesmo refutar, os nossos achados iniciais. Os nossos dados sugerem que o uso de *Vos* como forma de singular responderia não necessariamente a um discurso plural dirigido, mesmo que de forma implícita, aos dois imperadores do Império Romano, mas a grupos dos quais o imperador faria parte, como em referências coletivas, no plano histórico, à dinastia de outros imperadores que o antecederam ou, ainda, numa perspectiva coeva, às forças militares

responsáveis pelos feitos bélicos. Se essa nova hipótese, que prescinde da existência de dois imperadores, estiver correta, seria esperado encontrar ecos do novo uso pronominal em discursos dirigidos a imperadores únicos, em tentativas de unificação do império, antes mesmo do reinado de Valentiniano.

Para terminar, deixamos registrada uma última reflexão - também embrionária - sobre o papel da pragmática nos processos de mudança operados no sistema de tratamento. Fazemos referência, mais particularmente, à ordem de encaixamento que pode ser estabelecida entre pragmática e gramática.

No estudo das mudanças operadas no quadro de formas que já pertencem à segunda pessoa, costuma-se fazer a distinção entre dois movimentos. Em um primeiro momento, observa-se a perda de oposição pragmática entre formas de intimidade e distanciamento (*T* e *V*, respectivamente, nos termos de Brown e Gilman) e conseqüente deslocamento da forma *V* aos terrenos da forma *T*. O tratamento, ainda de distanciamento, *Você* no português brasileiro do século XIX, migrando e coexistindo com *Tu* no plano da intimidade a partir de inícios do século XX, ilustraria esse processo, assim como o caso de *Vos* e *Usted*, formas originalmente *V*, que se deslocaram aos terrenos de *T* em variedades do espanhol na América, chegando até mesmo a anular a forma primitiva *Tú*.

Esse primeiro estágio, no nível da pragmática, seria o responsável por provocar um novo movimento, agora de natureza gramatical. Trata-se da reorganização do quadro de tratamentos, que se faz sentir, em maior ou menor medida, no sistema verbal e/ou pronominal. No português brasileiro, por exemplo, como mostram os trabalhos de Lopes *et al* (2018a, 2018b), formas do paradigma de *Tu* resistem à implementação de *Você*, como o acusativo e o dativo *te* e o possessivo *teu*, por exemplo, e ainda assim coexistem com formas do novo paradigma, como o acusativo *Você*, o dativo e oblíquo *preposição + Você* e o possessivo *seu*. No plano verbal, encontram-se zonas em que o pronome *Tu* se combina a verbos com morfologia de terceira pessoa (*Tu vai*, *tu quer*). Procedimentos análogos são registrados em algumas variedades do espanhol na América, nas quais o pronome *Vos* se combina a formas como *te*, *tu*/*tuyo*, além de formas verbais originalmente pertencentes ao paradigma de *Tú*.

Como se pode observar, mudanças no campo da pragmática funcionam como um gatilho a alterações de outras ordens no plano gramatical: *pragmática* > *gramática*. Nos processos de emergência, como o que estamos tratando aqui, no entanto, o encaixamento parece ser ao revés: *gramática* > *pragmática*. Essa questão já havia sido assinalada por Marcotulio (2012) em seu estudo sobre a gênese da forma nominal de tratamento *Vossa Mercê*. Para que alguma estrutura já disponível na língua, não pertencente originalmente ao quadro da segunda pessoa do singular, passasse a fazer parte dele, seria necessário que operasse uma mudança de natureza gramatical. No caso de *Vossa Mercê*, um sintagma possessivo - de terceira pessoa, portanto - passa a ser reanalisado como um sintagma de segunda pessoa, através de um processo de gramaticalização.

Embora contemos com poucos dados, os nossos resultados iniciais podem trazer mais respaldo a essa proposta. Diferentemente da reanálise sofrida por *Vossa Mercê*, que incide basicamente no traço de pessoa, aqui o traço a ser considerado é o de número: uma

forma de plural passa a ser interpretada como singular. Utilizada para um único interlocutor, a forma *Vos* passaria a ter um destinatário personificado. Seu uso seria conectado à figura de maior poder - que exige maior deferência e subordinação - e, conseqüentemente, a carga pragmática de respeito e distanciamento se materializaria na forma linguística em si. Dito de outra forma, o giro pragmático dependeria de um novo uso proporcionado por uma mudança de natureza gramatical. Para ser forma de tratamento da segunda pessoa do singular que marca o distanciamento e a subordinação social, é preciso, antes de tudo, ser forma de tratamento da segunda pessoa do singular. Esse processo, na hipótese da direção *gramática > pragmática*, precisaria ser investigado em perspectiva diacrônica, com *corpora* diversificados em relação aos gêneros textuais e aos eixos geográfico e temporal. É provável que a ambigüidade de número, como sinalizamos anteriormente, tenha desempenhado um papel fundamental nesse processo de mudança. Esse trabalho, no entanto, ainda segue à espera de um autor.

REFERÊNCIAS

BROWN, P. *The World of Late Antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad*. London: Thames and Hudson, 1971.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: T. Sebeok (ed.). *Style in language*. Cambridge-Mass: MIT Press, 1960, p. 253-276.

CINTRA, L. F. L. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

FARACO, C. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, 3 (2), 2018 ([1996]), p. 114-132. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v3i2.17150>

FLORES, M. A. *Compilação e breve história de algumas fórmulas de tratamento no português, do século XII à actualidade*. Monografia do Curso de Licenciatura em Filologia Românica. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1946.

HEATHER, P. *The Fall of the Roman Empire – A New History*. London: Macmillan, 2005.

KOCH, P. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, J. (ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico*: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert (LinguísticaIberoamericana 31), 2008, p. 53-88.

LEE, A. D. *From Rome to Byzantium AD 363 to 565 – The Transformation of Ancient Rome*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

LOPES, C. R. S. *et al.* A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: posição de sujeito. In: LOPES, C. R. S. (Org.). *História do português brasileiro*. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Editora Contexto, 2018a, v. 4, p. 7-105.

LOPES, C. R. S. *et al.* A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: LOPES, C. R. S. (Org.). *História do português brasileiro*. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo: Editora Contexto, 2018b, v. 4, p. 106-189.

LUZ, M. 1958. “Fórmulas de tratamento no português arcaico – subsídios para o seu estudo”. *Revista Portuguesa de Filologia*. Vols. VII, VIII e IX. Coimbra: Ed. Casa do Castelo, 1958.

MAI, A. *Editoris praefatio*. In: SYMMACHUS, Quintus Aurelius. *Q. Aurelii Symmachi Octo orationum in edictarum partes*. Invenit notisque declaravit Angelus Maius. Mediolani: Bibliothecae Ambrosianae, 1815.

MARCOTULIO, L. L. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MITCHELL, S. *A History of the Later Roman Empire, AD 284-641*. Oxford: Blackwell, 2015.

O'DONNELL, J. J. *Pagans: the end of traditional religion and the rise of Christianity*. New York: HarperCollins, 2015.

RODGERS, B. S. In: SYMMACHUS, Quintus Aurelius. *Oration I – translation, commentary, bibliography*. Burlington: The University of Vermont, 2015a. Disponível em: <<https://www.uvm.edu/~bsaylor/rome/Symmachus1.pdf>>. Acesso em: 19/10/2016.

_____. In: SYMMACHUS, Quintus Aurelius. *Oration II – translation, commentary, bibliography*. Burlington: The University of Vermont, 2015b. Disponível em: <<https://www.uvm.edu/~bsaylor/rome/Symmachus2.pdf>>. Acesso em: 19/10/2016.

SCHMITT, C. E. *Tradução comentada das Orationes I, II e II de Quinto Aurélio Símaco Eusébio*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

SOGNO, C. *Q. Aurelius Symmachus: a political biography*. Michigan: Michigan Press, 2006.

SYMMACHUS, Q. A. *Aurelii Symmachi quae upper sunt*. Otto Seeck (ed.). München: Monumenta Germaniae Historica, 1883.

_____. *Informes – Discursos*. Introducciones, Traducción y notas de José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 2003.

TENER, K. R. *Q. Aureli Symmachi Relatio III – Introduction, Translation and Notes*. Thesis for the degree of Bachelor of Arts in Latin. Illinois: University of Illinois, 1917.

VALDÉS GALLEGO, J. A. In. SYMMACHUS, Quintus Aurelius. *Informes – Discursos*. Introducciones, Traducción y notas de José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 2003.

Recebido em: 20/12/2020

Aprovado em: 05/02/2021

Publicado em: 25/07/2021